

Funções textual-discursivas da aposição encapsuladora

Textual discourse functions of the encapsulating apposition

Rosângela do Socorro Nogueira de SOUSA

Universidade Federal do Pará
ronogueiraufpa@gmail.com



Márcia Teixeira NOGUEIRA

Universidade Federal do Ceará
marciatn@gmail.com



Resumo: Este artigo trata, sob uma perspectiva discursivo-funcional, do tradicionalmente chamado, em gramáticas de língua portuguesa, *aposto de oração*, com o objetivo de analisar suas funções textual-discursivas. A base teórica é a *Gramática Discursivo-Funcional* (GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008), e estudos descritivos sobre aposição, tais como Quirk et al. (1985), Meyer (1992), Hannay e Keizer (2005), Keizer (2015), Nogueira (1996, 1999, 2012), Sousa (2016), Decat (2010, 2011, 2021). Quanto à metodologia, esta pesquisa, de natureza quantitativo-qualitativa, utilizou um corpus composto de 108 ocorrências dessas aposições, identificadas em artigos de opinião publicados no jornal Folha de S. Paulo, entre os anos de 2006 e 2010. Quanto aos resultados, identificamos que a aposição encapsuladora desempenha, nesses artigos, as funções textual-discursivas de Desdobramento (34,3%), Explicação (28,7%), Avaliação (22,2%), Constatação (7,4%) e Conclusão (7,4%).

Palavras-chave: aposição; encapsulamento; função textual-discursiva.

Abstract: This article deals, from a discourse functional perspective, with what is traditionally called, in Portuguese grammars, *aposto de oração*, in order to analyze its textual discourse functions. The theoretical basis is the Functional Discourse Grammar (GDF), by Hengeveld and Mackenzie (2008), and descriptive studies on apposition, such as Quirk et al. (1985), Meyer (1992), Hannay and Keizer (2005), Keizer (2015), Nogueira (1996, 1999, 2012), Sousa (2016), Decat (2010, 2011, 2021). As for the methodology, the research,

of a quantitative and qualitative nature, used a *corpus* composed of 108 occurrences of these appositions, identified in opinion articles published in the newspaper Folha de S. Paulo, between the years 2006 and 2010. As for the results, we identified that the encapsulating apposition performs, in these texts, the textual discourse functions of Unfolding (34,3%), Explanation (28,7%), Evaluation (22,2%), Finding (7,4%) and Conclusion (7,4%).

Keywords: apposition; encapsulation; textual discourse function.

1 INTRODUÇÃO

Em pesquisa sobre o fenômeno linguístico da aposição e sua sistematização em língua portuguesa, Nogueira (1996, 1999) discute sobre qual a natureza do processo de aposição e o que o diferencia dos demais processos de construção com que se assemelha. Em levantamento inicial realizado com o objetivo de rastrear possibilidades interpretativas para a aposição, mecanismo tão frequente quanto abrangente e diversificado, a autora investigou, inicialmente, como a aposição vem sendo sistematizada em gramáticas tradicionais e compêndios de análise sintática da língua portuguesa, editados antes e depois da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Maximino Maciel (1916), em sua Gramática Descritiva, anterior à NGB, apresenta o aposto como uma das formas de expressão do adjunto atributivo e afirma que a aposição pode ter, como termo fundamental, uma proposição inteira, como em “Procede bem, *o que te tornará estimado*”. Também Bechara (1989), em gramática posterior à NGB, afirma que um aposto pode referir-se a uma oração inteira, como ilustra em “Ele falou em altas vozes, *sinal do seu descontentamento*”.

No presente artigo, trazemos um recorte dos resultados obtidos em pesquisa de Sousa (2016) sobre esse tipo particular de aposição não restritiva, o tradicionalmente conhecido como *aposto de oração*. Expomos aqui uma análise de natureza quantitativo-qualitativa do seu uso em artigos de opinião publicados na *Folha de S. Paulo*, entre os anos de 2006 e 2010, com o objetivo de analisar suas funções textual-discursivas em cada contexto de uso. A relevância desse tipo de investigação reside, sobretudo, em demonstrar a utilidade descritiva de uma abordagem gramatical funcionalista no tratamento de um recurso de textualização discursiva que transcende os limites da oração.

Para a descrição do encapsulamento operado pela segunda unidade apositiva (identificada, nas gramáticas tradicionais, como o *aposto de oração*) de um segmento discursivo (primeira unidade apositiva), utilizamos, principalmente, a base teórica da Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008), e estudos descritivos sobre a aposição não restritiva, realizados com essa orientação teórica, tais como Hannay e Keizer (2005) para o inglês. Para o tratamento das funções textual-discursivas identificadas no contexto de uso desse tipo de aposição, recorreremos, ainda, às descrições propostas, para o inglês, por Quirk *et al.* (1985) e Meyer (1992) e, para o português, por Nogueira (1996, 1999, 2012) e Decat (2010, 2011, 2021).

Além desta introdução, o artigo está dividido, a seguir, em duas seções que cumprem os propósitos de caracterizar a aposição encapsuladora a partir de estudos de base funcionalista desenvolvidos para

o português e da teoria de base para a pesquisa realizada, a Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF). Em seguida, uma seção apresenta a metodologia; a seguinte expõe e discute os resultados obtidos na análise das funções textual-discursivas das aposições encapsuladoras; e a última seção traz nossas considerações finais.

2 A APOSIÇÃO NÃO RESTRITIVA ENCAPSULADORA

Entre os linguistas, a aposição não é tema livre de divergências. Em Nogueira (1999), é assumida, com em Matthews (1981), Quirk *et al.* (1985) e Meyer (1992), a existência de uma gradiência na categoria das construções apositivas, que abriga diferentes tipos de construções na perspectiva de que algumas são semântica e sintaticamente mais típicas do que outras. E o traço comum entre elas, mesmo as mais marginais, é sua natureza centrípeta, o fato de que as unidades em aposição giram em torno de um único centro, segundo descreve Camara Jr. (1986).

A construção apositiva dita *não restritiva* ocorre quando os elementos em aposição estão em unidades de informação separadas, o que é indicado, no discurso oral, por sua inclusão em unidades tonais diferentes e, na escrita, por meio do uso da vírgula ou outra pontuação. Aposições não restritivas não estão diretamente relacionadas às condições de verdade das orações que as contêm, embora contribuam para o sentido global delas. Em Nogueira (1999, 2012), a segunda unidade da construção apositiva não restritiva é tratada como um parêntese, por não estar diretamente relacionada às condições de verdade das frases em que se encontra e apresentar seu próprio valor ilocucional.

Meyer (1992) nos propõe uma diferenciação entre aposição nominal e aposição não nominal, o que motivou a decisão de descrever uma aposição com função encapsuladora, em que a segunda unidade, de natureza nominal, rotula a primeira unidade, de natureza não nominal. Na definição do autor, a aposição não nominal ocorre, inclusive, entre construções em que nenhuma das unidades é um sintagma nominal.

O deslocamento efetuado por Nogueira (1999) do conceito de *aposto* como função sintática, tal como apresentado na literatura tradicional, para o conceito de *aposição* como um processo textual-discursivo que cumpre, a um só tempo, funções cognitivas, textual-discursivas e argumentativo-atitudeinais, permite-nos analisar a construção apositiva não restritiva como construção de natureza multifuncional, um mecanismo textual-discursivo com relevante papel na progressão referencial, ou seja, nas estratégias de referenciação no discurso (MONDADA; DUBOIS, 1995; APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995) e de

reformulação textual (HILGERT, 1996), visto que a segunda unidade, ao ser apresentada como uma reformulação do conteúdo ou da expressão linguística da primeira, revela o propósito do locutor de garantir que o ouvinte compreenda, satisfatoriamente, o que foi formulado, conforme suas pressuposições em relação à possibilidade de ser compreendido.

A estrutura tradicionalmente identificada como *aposto de oração* é o tipo de aposição não restritiva em que a primeira unidade não é um Sintagma Nominal, mas um segmento discursivo constituído de uma ou mais orações cujo conteúdo é gramatical ou lexicalmente encapsulado, e cuja função se dá na expectativa de apresentar comentários acerca do conteúdo expresso no segmento que lhe serve de escopo.

Do ponto de vista da apresentação estrutural, identificamos, com frequência, a realização desse tipo de aposição por meio do pronome *o*, um *mostrativo neutro* (CASTILHO, 1993), com função encapsuladora neutra e interpretação altamente depende do contexto. O conjunto formado pelo pronome neutro *o* + *oração adjetiva restritiva* se comporta como a segunda unidade desse tipo particular de construção apositiva não restritiva, que exige um esforço cognitivo maior para o estabelecimento do conteúdo que é encapsulado, já que não há, nesse caso, um antecedente nominal correferencial.

Decat (2011) apresenta uma proposta de análise dessas estruturas, enquadrando-as no que a autora chama de *orações relativas apositivas* com certo grau de *desgarramento* em relação à unidade que lhe serve de escopo. O desgarramento, conforme a autora, é uma característica estrutural que tem estreita relação com a estratégia de focalização argumentativa. Decat (2011) analisa toda a estrutura constituída por *pronome neutro + oração relativa* como um *aposto* e, por esse motivo, todo esse segmento seria, segundo Decat, uma *oração relativa apositiva*, terminologia utilizada pela pesquisadora para designar o que as gramáticas tradicionais de língua portuguesa identificam como *oração adjetiva explicativa*.

Embora o ensino tradicional de gramática chame a atenção para a semelhança entre uma *oração adjetiva explicativa* e o termo oracional *aposto explicativo*, há gramáticos e linguistas (QUIRK *et al.*, 1985; MATTHEWS, 1981; MEYER, 1992) que apontam diferenças importantes entre a relativa explicativa (ou não restritiva) e a aposição, tais como a impossibilidade, na relativa explicativa, de suprimir o termo antecedente ou permutar termo antecedente e oração relativa; bem como a ausência, na aposição, de uma estrutura semelhante ao pronome relativo. Ainda que haja semelhanças, sobretudo de natureza textual-discursiva, entre essas estruturas, preferimos não identificar como *apostiva* uma oração relativa

explicativa, que seria, no máximo, um exemplar bastante periférico de aposição segundo critérios de gradiência categorial.

Entretanto, de fato, as funções textual-discursivas que Decat (2011) associa à estratégia de focalização argumentativa dizem respeito a todo o segmento *pronome neutro + oração adjetiva*, conjunto que identificamos como *segunda unidade apositiva*, mas não como uma *oração adjetiva explicativa*. Entendemos que o pronome neutro cumpre, nessa estrutura, o papel de encapsular um conteúdo não nominal, tornando possível, após o encapsulamento, predicar propriedades a esse conteúdo por meio de modificadores adjetivos ou orações adjetivas restritivas.

Outro ponto que merece discussão, ainda que breve, é a caracterização como uma estrutura desgarrada, nos termos de Decat (2011, 2021), da segunda unidade da construção apositiva não restritiva com função encapsuladora. Aspectos formais e funcionais identificam, de fato, essa unidade apositiva como uma informação que se realiza após uma pausa, como satélite da porção núcleo (conteúdo anterior encapsulado) com a função geral de um *adendo*.

Os gramáticos citados na introdução deste artigo ilustram o termo *aposto de oração* em casos em que ele se abriga no contorno entonacional da frase, isto é, quando se separa do segmento discursivo anterior por meio de vírgula, ponto-e-vírgula ou travessão. Em Decat (2011), nesses casos, a estrutura é tratada pela autora como *oração adjetiva apositiva normal*, embora propícia ao desgarramento. Todavia, Decat (2011, 2021) chama a atenção para a frequência significativa dessas posições após um ponto-final, materializadas, segundo a autora, como *orações adjetivas apositivas desgarradas*. Seguem exemplos fornecidos por Decat (2021, p. 23-24):

- (1) Mas a tese de fuga proposital do comandante começou a naufragar quando foi constatado que, além de não haver um motivo para ele sumir, o barco (que nem era dele) não tinha seguro. E, agora, caso fique comprovado que o corpo encontrado é realmente do capitão desaparecido, **o que será checado através de exames de DNA nas próximas semanas**, irá afundar de vez. (Disponível em: <http://www.historiasdomar.blogosfera.uol.com.br>. Acesso em: 16 maio 2019).
- (2) Por ser um país em desenvolvimento e por ter limitado poder militar, econômico e político, o Brasil sempre defendeu a importância das Nações Unidas por ser uma forma de conter o poderio de países hegemônicos. A contrapartida seria o de respeitar diretrizes em direitos humanos, meio ambiente e, claro, ter postura construtiva. **O que não foi o caso**. (SAKAMOTO, L. Bolsonaro passa vergonha, queima pontes e isola ainda mais o Brasil. Disponível em: <http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br>. Acesso em: 24 set. 2019).

Decat (2021) afirma que o desgarramento não resulta de uma operação a partir de uma estrutura original com encaixamento. E as manifestações observadas em (01) e (02) são apontadas, pela autora, como duas possibilidades de uso da língua, e a escolha entre elas depende de propósitos comunicativos do falante.

Sobre essa questão, assumimos que a aposição encapsuladora realiza-se como segunda unidade apositiva separada por uma breve (exemplo 1) ou uma longa pausa (exemplo 2), a depender do grau de focalização argumentativa, com unidade de informação e força ilocucionária própria, ao encapsular e elaborar, de algum modo, um conteúdo disponível no contexto anterior. Admitimos, portanto, a existência de graus de entrelaçamento entre as unidades apositivas não restritivas (marcadas, na escrita, por vírgula, travessão, ponto-e-vírgula ou ponto-final) desde que, entre elas, haja um centro de referência do ponto de vista semântico-discursivo.

É dado que as construções apositivas não restritivas em que uma unidade apositiva encapsula o conteúdo da outra unidade não são exemplares prototípicos dessa construção, já que a elas não se aplicam, integralmente, os princípios de identidade referencial, identidade categorial e identidade funcional entre as unidades apositivas, sobretudo porque a primeira dessas unidades tem natureza não nominal. No entanto, mantém-se uma relação centrípeta de elaboração entre elas, característica central da construção apositiva não restritiva, um expediente peculiar de organização da informação (NOGUEIRA, 1999).

Quanto ao processo de encapsulamento nas aposições não restritivas, Nogueira (1999, 2012) descreve esse processo à semelhança do que Francis (1994) aponta como uma *rotulação retrospectiva*, quando um grupo nominal anaforicamente coesivo é apresentado como equivalente ao conteúdo de uma oração ou das orações que ele rotula por meio de uma nominalização. O rótulo indica ao leitor como esse segmento do discurso deve ser interpretado, e fornece um *frame* de referência dentro do qual o argumento subsequente é desenvolvido. Sendo, em geral, comentários do autor relativamente ao que foi dito no segmento discursivo anterior, Nogueira defende que esse tipo de rótulo encapsulador tem muito mais valor atributivo do que referencial, e essa é a razão de não ser, em geral, precedido de determinantes ou serem precedidos de artigos indefinidos.

Com relação às funções textual-discursivas exercidas pela aposição encapsuladora, os estudos de Decat (2011, 2021), com orientação na *Teoria da Estrutura Retórica*, oferecem importante contribuição a esta pesquisa na classificação dessas funções. Com base nos trabalhos da autora, supomos que esse tipo de aposição encapsuladora exerce uma função geral

de *adendo* e, mais especificamente, as funções de *avaliação* e *explicação* como suas principais características.

Assim, em resumo, a estrutura a que este estudo faz referência pode ser estratificada como tendo função cognitiva encapsuladora, função pragmática focal e função discursiva argumentativa e, com base nas análises feitas por Nogueira (1999, 2012), Decat (2010, 2011, 2021), Hannay e Keizer (2005), Keizer (2015) e Sousa (2016), descrevemos o uso da aposição encapsuladora, com atenção especial a suas funções textual-discursivas, sem perder de vista, no entanto, as suas particularidades de Formulação e Codificação, conforme orientação teórica da GDF.

3 A GDF PARA A INTERPRETAÇÃO DA APOSIÇÃO ENCAPSULADORA

A proposta da GDF¹ de um modelo de gramática em níveis distintos em que ocorrem as operações de Formulação e Codificação nos permite descrever a construção das aposições com encapsulamento com a consideração de níveis e camadas envolvidos. Assim, os Níveis Interpessoal e Representacional, para as opções de formulação pragmática e semântica, respectivamente, e os Níveis Morfossintático e Fonológico, para as opções de codificação, nos dão um *design* de gramática que permite descrever os processos de encapsulamento, considerando a natureza da camada encapsulada (primeira unidade apositiva) em correlação com o recurso encapsulador (segunda unidade apositiva) como possibilidades funcionais e formais em processos anafóricos.

Na GDF, como já indicado por Hengeveld e Mackenzie (2008), é possível fazer referência anafórica a qualquer camada dos níveis previstos no modelo. Com essa perspectiva, entendemos que a aposição encapsuladora pode fazer remissões a camadas de qualquer um dos níveis, encapsulando categorias de ordem interpessoal, representacional, morfossintática ou fonológica.

Do ponto de vista da formulação, no Nível Interpessoal, a aposição encapsuladora em análise neste artigo faz parte de uma construção apositiva não restritiva, que se constitui de dois Atos Discursivos, contendo o primeiro Ato o conteúdo encapsulado, e o segundo Ato, o encapsulamento que cumpre uma função textual-discursiva.

Pragmaticamente, a aposição encapsuladora pode ser entendida como uma estratégia de marcação de Foco, cuja atuação se dá sobre a informação do leitor, indicando alguma valoração sobre a camada encapsulada, uma predição ou uma orientação inferencial. A GDF, dentre

¹ Para conhecimento do arcabouço teórico da GDF, ver Hengeveld e Mackenzie (2008).

outras possibilidades, apresenta o uso de construções de Foco especial como possibilidade configuracional, o que parece ser o caso da aposição encapsuladora, considerando suas características formais e funcionais de se realizar como Ato Discursivo, seu posicionamento, na maioria das vezes, posterior ao escopo e a variabilidade de informação que veicula. Internamente, esse segundo Ato Discursivo pode assumir, de acordo com duas dimensões do tratamento das funções pragmáticas pela GDF², as configurações de *Fundo + Foco* e *Tópico + Comentário*, como podemos observar no exemplo a seguir.

- (3) Desde que surgiram na imprensa algumas informações sobre o projeto que mandei elaborar, recebi muitos apoios. Surgiram também várias críticas. *O que é natural ...* (AO1906)

Nesse exemplo, o pronome neutro o encapsula o segmento “Surgiram várias críticas”, estabelecendo como Tópico, por remissão anafórica, algo como *o surgimento de várias críticas*, sobre o qual se predica “que é natural”, comentário do articulista. Interpretamos que, nesse exemplo, há o encapsulamento de um Estado-de-Coisas (um acontecimento) descrito no primeiro Ato Discursivo, e não do Ato Discursivo em si, como camada do Nível Interpessoal. Em suma, compreender a organização interna da aposição encapsuladora na relação entre topicalização e informação focal nos permite considerar que o estabelecimento da função Tópico se dá no Subato que encapsula informações de porções textuais e serve de instrução para a recuperação dessas informações disponíveis no Componente Contextual, sobre o qual incide o Comentário. Em síntese, identificamos todo o Ato Discursivo contido na segunda unidade apositiva como uma *aposição encapsuladora* que cumpre, a um só tempo, funções textuais e discursivas.

Como vimos no exemplo (3), embora a construção apositiva não restritiva em análise seja aqui interpretada como constituída de dois Atos Discursivos, correspondentes à primeira e à segunda unidades apositivas, o escopo do encapsulamento pode ser uma camada do Nível Representacional descrita no primeiro Ato. Vejamos o exemplo (4) a seguir.

- (4) ...Lutavam na mata fechada: *uma disputa das mais ferozes*. (AO0506)

No Nível Interpessoal, a representação da aposição contida em (4) explicita dois Atos Discursivos de um único Movimento:

² Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 92), em determinadas circunstâncias, um constituinte pode ser, simultaneamente, Foco e Tópico a depender das dimensões em que é considerado: Foco x Fundo ou Tópico x Comentário.

(4a) (M₁ [(A₁: Lutavam na mata fechada (A₁)) (A₂: uma disputa das mais ferozes
Avaliação (A₂) (M₁))

No Nível Representacional, a GDF nos subsidia na interpretação de que a natureza semântica da camada encapsulada, no exemplo (4), é de um Estado-de-Coisas.

(4b) (e_i: Lutavam na mata fechada (e_i)): (f_j : [(e_j : [(f_k : (f_i: uma disputa (f_i))_{encapsulador}
(f_m: – das mais ferozes – (f_m))_{modificador} (f_k))] (e_j))] (f_j))

Em (4b), na aposição encapsuladora que constitui a segunda unidade apositiva, o Estado-de-Coisas “Lutavam na mata fechada” (e_i) contido na primeira unidade apositiva é encapsulado pela Propriedade (f_i) “disputa” (rótulo encapsulador) seguida da Propriedade (f_m) “das mais ferozes”, que funciona como modificador.

Além das camadas do Nível Representacional, já apresentadas em outros estudos, como o de Consten, Knees e Schwarz Friesel (2007), que apontam camadas como Proposição, Fato, Estado, Processo e Evento como passíveis de encapsulamento, camadas de outros níveis também podem ser encapsuladas a depender do recurso encapsulador utilizado. Entendemos, por exemplo, que a primeira unidade apositiva pode ser encapsulada como Ato Discursivo ou Conteúdo Comunicado, camadas do Nível Interpessoal, por meio de rótulos e comentários de natureza metadiscursiva; ou como Oração, camada do Nível Morfossintático, pelo uso de rótulos e comentários de natureza metalinguística.

Essas possibilidades de encapsulamento se refletem na codificação da aposição encapsuladora, de modo que, do ponto vista da Codificação, pelo menos quatro (4) modos de organização se apresentam para a segunda unidade apositiva. A título de ilustração, o exemplo (4) tem a seguinte representação no Nível Morfossintático:

(4c) (Le_i: [(Cl_i: –Lutavam na mata fechada –(Cl_i))] (Np_i: [(Nw_i: – uma disputa –
(Nw_i)) (Ap_i: – das mais ferozes –(Ap_i))] (Np_i)) (Le_i))

Em (4c), temos uma Expressão Linguística (Le_i) que apresenta, na primeira unidade apositiva, a Oração (Cl_i) “Lutavam na mata fechada”. Na segunda unidade apositiva, que constitui a aposição encapsuladora, temos “disputa” como Nome (Nw_i) encapsulador, seguido de um Sintagma Adjetival (Ap_i), constituindo com ele o Sintagma Nominal (Np_i) “uma disputa das mais ferozes”.

Quanto às funções textual-discursivas assumidas pela aposição encapsuladora, retomando as classificações propostas por Quirk *et al.* (1985) e Meyer (1992) para as aposições no inglês, Nogueira (1999) reconhece as três

relações semânticas básicas entre as unidades apositivas - *equivalência, atribuição e inclusão*, todavia chama a atenção para o fato de que os subtipos dessas relações, apontados pelos autores, não são propriamente relações semânticas, mas, antes, concernem a funções textual-discursivas, já que dizem respeito a funções retóricas da construção discursiva, tais como *reformulação, avaliação, exemplificação, particularização*, entre outras. Em relação à aposição encapsuladora, Nogueira (1999, 2012) identifica, principalmente, uma função avaliativa para essa estrutura.

Em Hannay e Keizer (2005), as posições não restritivas também são analisadas como atos discursivos separados. São, portanto, unidades discursivas independentes, que podem receber seus modificadores específicos. Hannay e Keizer (2005) propõem uma classificação das funções discursivas de posições não restritivas nominais, distinguindo-as em *Identificação, Justificativa e Rotulação*, cada uma delas com subtipos. Embora essas funções propostas pelos pesquisadores da GDF sejam relativas a posições nominais, supomos que alguns desses propósitos comunicativos gerais também se manifestam em posições não nominais.

Em Hengeveld e Mackenzie (2008), as funções discursivas são tratadas como funções *retóricas* exercidas por um Ato Discursivo subsidiário. São elas: *Motivação, Concessão, Orientação, Correção e Aside*.

Com base nos autores acima referidos³ e nos dados analisados nesta pesquisa, propomos que a aposição encapsuladora pode exercer as funções textual-discursivas de *Avaliação, Explicação, Desdobramento, Constatação, Rotulação e Conclusão*. Essas funções serão detalhadas e ilustradas na seção 4.

4 METODOLOGIA

Procedemos a análise das ocorrências, agrupando-as conforme o comportamento funcional dessas estruturas em publicações dominicais de artigos de opinião na *Folha de S. Paulo*, entre os anos 2006 e 2010. Foram analisadas 108 ocorrências coletadas a partir da leitura de 550 artigos. Considerando-se o caráter argumentativo desses artigos, as funções mencionadas acima parecem contribuir para a construção da retórica do texto ao oferecer uma orientação argumentativa para interpretação de determinados conteúdos e manifestar valores argumentativo-atitudeis.

Em conformidade com o que a GDF preconiza, o Ato Discursivo, que pode se manifestar na língua tanto como cláusulas, quanto como fragmentos de frase totalmente gramaticais, sintagmas ou palavras, é a unidade de análise. Os critérios estruturais de identificação e coleta de dados

³ Por limitações de espaço, não detalharemos a classificação de funções textual-discursivas (ou *retóricas*) proposta por cada um dos autores aqui referidos.

previam, como característica para a primeira unidade apositiva, tratar-se de uma ou mais orações, veicular informação que, mesmo difusa, fosse inferível, sendo essa a porção sobre a qual se opera o encapsulamento pela aposição encapsuladora. Esse critério nos parece pertinente porque, na perspectiva da GDF, qualquer unidade de qualquer um dos níveis pode servir como escopo de remissões.

O encapsulador, núcleo da segunda unidade que promove o encapsulamento, pode apresentar-se como um Pronome ou Nome acompanhado de Oração adjetiva, um Sintagma composto de Nome e Modificador não oracional ou um nome sem modificador.

A análise dos tipos de entidade encapsulada, as funções textual-discursivas mais frequentes, entre outros parâmetros, foi feita por meio da ferramenta computacional SPSS (*Statistical Package for Social Science*). Neste artigo, tratamos, especificamente, das funções exercidas pela aposição encapsuladora na construção textual-discursiva dos artigos de opinião.

5 ANÁLISE DAS FUNÇÕES TEXTUAL-DISCURSIVAS DA APOSIÇÃO ENCAPSULADORA

Quanto às funções textual-discursivas assumidas pela aposição encapsuladora, foco deste artigo, entendemos que elas podem variar conforme as orientações pretendidas pelo articulista. A função básica dessa aposição, definida no contexto desta pesquisa, é a de *Adendo*; e as funções específicas foram definidas conforme os valores expressos por essas aposições em cada contexto. São elas: Explicação e Avaliação, ambas previstas como funções textual-discursivas em Nogueira (1999); Desdobramento, que engloba as construções que veiculam consequências factuais ou eventuais dos fatos expressos no escopo; Constatação/Ratificação; e Conclusão. Em termos de frequência dessas funções nas amostras de artigos de opinião, temos os seguintes resultados:

Tabela 1 – Funções textual-discursivas da aposição encapsuladora em artigos de opinião

Função Discursiva	Frequência (%)
Desdobramento	34,3
Explicação	28,7
Avaliação	22,2
Constatação	7,4
Conclusão	7,4

Fonte: Sousa (2016).

A função de Desdobramento, que foi a mais frequente no *corpus* (34,3%), configura-se como acréscimo de informação. Pode, por exemplo, expandir o conteúdo anterior apresentando uma consequência (decorrência) de um Estado-de-coisas ou Episódio encapsulado. Vejamos o exemplo (5).

- (5) No dia 30 de junho foram assinados 311 acordos de cooperação, o que permitirá oferecer, em 2007, 90 mil vagas de ingresso, majoritariamente para professores da educação básica, atendidos por 4.800 professores universitários. (AO3006)

No exemplo (5), a aposição encapsuladora “o que permitirá oferecer...” faz uma elaboração do conteúdo encapsulado por meio da apresentação de uma consequência do Estado-de-Coisas que é seu escopo, presente na primeira unidade apositiva (“No dia 30 de junho foram assinados 31 acordos de cooperação”), e direcionando o leitor a inferir sobre esse Estado-de-Coisas encapsulado em termos de seus desdobramentos.

No caso do exemplo (6), a seguir, consideramos que o papel da função de Desdobramento na aposição encapsuladora está em estabelecer uma orientação argumentativa em que o conteúdo da segunda unidade opere em conjunção com o conteúdo encapsulado, também apresentando uma consequência relativa ao fato descrito em seu escopo.

- (6) As transferências voluntárias da União, que em 2002 atenderam 497 municípios, passaram a atender 1625, o que permitiu ampliar o acesso a projetos federais voltados para formação de professores, reforma e construção de escolas, equipamentos, material pedagógico etc. (AO3006)

No exemplo (5), temos um caso em que a aposição encapsuladora faz uma previsão de uma consequência futura do Estado-de-Coisas encapsulado. Essa previsão representa um grau menor em termos de força argumentativa, já que se situa no campo da possibilidade, no que difere do que se manifesta em (6), em que uma consequência é dada como realizada. Nesses casos, consideramos que o uso da forma verbal do Futuro do Presente imprime um caráter de possibilidade de realização do conteúdo expresso na aposição, diferentemente do que ocorre no exemplo (6).

Um desdobramento possível em relação ao segmento discursivo encapsulado também pode ser apresentado como em (7):

- (7) É importante que o debate em torno da eficiência da gestão aconteça em nível nacional e que ele envolva a sociedade como um todo. Devemos ficar atentos para não desqualificar esse necessário debate, *o que terminaria por camuflar deficiências históricas que precisam ser enfrentadas na administração pública brasileira.* (AO4307)

O uso da forma verbal do Futuro do Pretérito em (7) imprime ainda mais incerteza que a forma verbal de Futuro do Presente, pois a consequência tem caráter hipotético, está sujeita à realização da condição expressa pelo conteúdo encapsulado (“... desqualificar esse necessário debate”).

Esses exemplos apontam para uma estratégia de gradação da probabilidade de realização dos Desdobramentos expressos na aposição encapsuladora, que vai do realizado, com uso do Pretérito; passando pelo realizável, com uso do Futuro do Presente; ao (in)desejável, com uso do Futuro do Pretérito no verbo da oração adjetiva restritiva que representa uma consequência eventual na aposição encapsuladora.

A seguir, temos outro exemplo da função de Desdobramento:

- (8) [...] Permite identificar boas práticas, disseminando-as, e insuficiências, o que torna possível enfrentá-las de forma efetiva. (AO3006)

Em (8), novamente, o Desdobramento apresenta uma condução para a interpretação do conteúdo da primeira unidade em relação de conjunção com o conteúdo da aposição encapsuladora, estabelecendo um elo consecutivo entre dois conteúdos referentes, respectivamente, ao propósito a ser atingido (“o que torna possível enfrentá-las de forma efetiva”) e às condições expressas pelo conteúdo encapsulado (“identificar boas práticas, disseminando-as, e insuficiências”).

As aposições encapsuladoras com função de Explicação, também frequentes no *corpus* (28,7%), operam a retomada do escopo para explicar, com outras palavras, um conteúdo. Vejamos o exemplo (9):

- (9) Na sua análise, a Corte Interamericana de Direitos Humanos realçou as duas dimensões da liberdade de expressão: o direito individual de manifestação do pensamento e o direito coletivo, de todos, de receber informação e conhecer a expressão do pensamento alheio. Por isso, os meios de comunicação social devem estar virtualmente abertos para todos, sem discriminação – o que significa que não cabem exclusões *a priori* do acesso à mídia. (AO2806)

No exemplo (9), o pronome neutro *o* encapsula o Conteúdo Proposicional que compõe a primeira unidade apositiva (“os meios de comunicação social devem estar virtualmente abertos para todos, sem discriminação”), que é seguido de uma oração adjetiva restritiva que reafirma, com outras palavras, o Conteúdo Proposicional já encapsulado, a partir do acionamento da forma verbal *significa*, operando a interpretação que o leitor deve dar ao segmento encapsulado (“o que significa que não cabem exclusões *a priori* do acesso à mídia.”)

A função Avaliação (22,2%), com um índice de realização muito próximo das funções Desdobramento e Explicação, acrescenta um julgamento sobre fatos (Estados-de-coisas e Episódios), ideias (Conteúdos Proposicionais), conteúdos reportados (Conteúdos Comunicados) ou Atos Discursivos expressos no segmento encapsulado. Consideramos que a Avaliação pode se manifestar por meio de estruturas complexas, como no exemplo (10), em que temos *pronome neutro + adjetiva restritiva*; por meio de *nome + modificador*, como no exemplo (11); ou simplesmente por meio de um *nome*, rótulo axiológico, como ilustra o exemplo (12):

- (10) Com relação às pessoas físicas e às empresas, a solução de reclamações passa, sucessivamente, por consultas entre as seções nacionais do Grupo Mercado Comum dos estados em que haja a contenda, pela intervenção do próprio Grupo Mercado Comum, pelo exame e parecer por especialistas, *o que é nitidamente insatisfatório*. (AO5007)
- (11) Conforme o IBGE, entre outubro de 2008 e abril deste ano, já em plena crise, 316 mil pessoas saíram da pobreza nas grandes cidades brasileiras. *Um dado fantástico*. (AO3009)
- (12) [...] Lula renega seu passado para não dar a mão à palmatória para FHC. *Ingratidão*. (AO2510)

Nos exemplos acima, é possível considerar que, em (10), tem-se uma avaliação negativa (“o que é nitidamente insatisfatório”) feita pelo articulista sobre o Estado-de-Coisas encapsulado pelo pronome o (“Com relação às pessoas físicas e às empresas, a solução de reclamações passa, sucessivamente, por consultas ...”). Já em (11), há uma avaliação positiva do Conteúdo Comunicado (“entre outubro de 2008 e abril deste ano, já em plena crise, 316 mil pessoas saíram da pobreza nas grandes cidades brasileiras”) encapsulado como “um dado fantástico” (cuja fonte é o IBGE). Em (12), temos um Estado-de-Coisas (“Lula renega seu passado para não dar a mão à palmatória para FHC.”) encapsulado pelo rótulo avaliativo “ingratidão”, como uma crítica a um evento de ação.

No exemplo a seguir, o escopo do encapsulamento é o Ato Discursivo atribuído a um juiz de Direito, citado em discurso direto no segmento encapsulado:

- (13) No ‘tira-teima’, vemos que o árbitro – ou melhor, o juiz de direito - disse que, ‘se fosse homossexual’, bem, ‘nessa hipótese’, para o jogador, ‘melhor seria que abandonasse os gramados’. *Uma peça rasa, de mau gosto e pobre de argumentos*. (AO3407)

O núcleo do rótulo encapsulador “peça” faz referência a um documento produzido em instância jurídica, com a identificação literal do Ato Discursivo encapsulado (“‘se fosse homossexual’, bem, ‘nessa hipótese’,

para o jogador, ‘melhor seria que abandonasse os gramados’”). Seguem o rótulo encapsulador “peça” os modificadores “rasa”, “de mau gosto” e “pobre de argumentos”, que avaliam negativamente, não apenas o Ato Discursivo citado, mas todo o documento onde esse Ato se instancia.

Na função textual-discursiva de Constatação/Ratificação, com uma frequência relativamente baixa no *corpus* (7,4%), a segunda unidade apositiva reitera a validade da informação contida na primeira unidade. Identificamos essa função no exemplo a seguir:

- (14) Daí o desastre a que estamos assistindo. Não por culpa da própria fundação, que foi constituída não para construir hospitais, mas para administrá-los com eficiência e competência, *o que tem acontecido por mais de 25 anos.* (AO4506)

Nesse caso, a constatação da efetiva e permanente realização do Estado-de-Coisas expresso na primeira unidade (“a administração eficiente e competente de hospitais pela fundação”) reforça a leitura de isenção de culpa da fundação sobre o desastre referido, orientando o leitor na atribuição de responsabilidade acerca dos fatos narrados.

Por fim, a função de Conclusão (7,4%), com a mesma frequência da função de Constatação, realizou-se por meio de um encapsulamento que expressa uma conclusão feita a partir do segmento discursivo encapsulado apresentado na primeira unidade apositiva:

- (15) Já de 1995 a 2006, a área da agricultura familiar continuou praticamente a mesma, mas o número de estabelecimentos aumentou, *o que indica que esse processo não se deu à custa da migração do campo para a cidade, como ocorria no passado.* (AO4309)

Nesse exemplo, os Estados-de-Coisas apresentados na primeira unidade (pouca variação da área da agricultura familiar x aumento do número de estabelecimentos) são encapsulados e apresentados como premissas que projetam a conclusão de que o aumento do número de estabelecimentos não é resultado da migração campo-cidade, orientando a relação textual-discursiva que o leitor deve estabelecer entre o segmento encapsulado e o conteúdo da oração adjetiva restritiva que compõe o Comentário da aposição encapsuladora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aposição encapsuladora é uma estrutura funcionalmente motivada por aspectos interacionais e tem grande valor discursivo, provendo informações para orientar o leitor sobre o modo como deve

conduzir a interpretação de um conteúdo informacional que é tomado como escopo do recurso encapsulador. Suas características são definidas em relação à constituição de seu escopo e a seu valor argumentativo.

Destaca-se, no uso de aposição encapsuladora nos artigos de opinião, a função textual-discursiva que designamos como *Desdobramento* (34,3%), e não a função de Avaliação (22,2%), como prevíamos. Esse resultado indica que a aposição encapsuladora acrescenta alguma informação focal ao conteúdo encapsulado, elabora esse conteúdo por meio da apresentação de uma consequência, um propósito, entre outros, de modo que acreditamos ser esse uso da estrutura apositiva não restritiva um importante fenômeno a serviço da construção textual-discursiva de textos opinativos.

REFERÊNCIAS

APOTHÉLOZ, Denis; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. Construction de la référence et stratégies de désignation. *In*: BERRENDONNER, Alain; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José (ed.). **Du syntagme nominal aux objets-de-discours**: SN complexes, nominalizations, anaphores. Neuchâtel: Institute de Linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995. p. 227-271.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 33. ed. São Paulo: Nacional, 1989.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática**: referente à língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 1986.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. Os mostrativos no português falado. *In*: CASTILHO, Ataliba Teixeira (org.). **Gramática do português falado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp/FAPESP, 1993. v. III. p. 119-45.

CONSTEN, Manfred; KNEES, Mareile; SCHWARZ-FRIESEL, Monika. The Function of Complex Anaphors in Texts. Evidence from Corpus Studies and Ontological Considerations. *In*: SCHWARZ-FRIESEL, Monika; CONSTEN, Manfred; KNEES, Mareile (ed.). **Anaphors in Texts**: Cognitive, Formal and Applied Approaches to Anaphoric Reference. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007. p. 81-102.

DECAT, Maria Beatriz N. Relações retóricas e funções textual-discursivas na articulação de orações no português brasileiro em uso. **Calidoscópico**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 167-173, 2010. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/412>. Acesso em: 9 dez. 2022.

DECAT, Maria Beatriz N. **Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

DECAT, Maria Beatriz N. O tratamento das estruturas desgarradas em português: uma trajetória de pesquisa na língua em uso. *In*: DECAT, Maria Beatriz N. *et al.* **Desgarramento, subordinação discursiva e insubordinação**: abordagens funcionalistas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021. p. 15-43.

FRANCIS, Gil. Labelling Discourse: An Aspect of Nominal-group Lexical Cohesion. *In*: COULTHARD, M. (org.) **Advances in Written Text Analysis**. London: Routledge, 1994. p. 83-101.

HANNAY, Mike; KEIZER, Evelien. A Discourse Treatment of English Non Restrictive Nominal Appositions in Functional Discourse Grammar. *In*: MACKENZIE, J. Lachlan; GÓMEZ GONZÁLES, María de los Ángeles (org.). **Studies in Functional Discourse Grammar**. Bern: Peter Lang, 2005. p. 159-194.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. **Functional Discourse Grammar: A Typologically Based Theory of Language Structure**. New York: Oxford University Press, 2008.

HILGERT, José Gaston. As paráfrases na construção do texto falado. *In*: KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do Português Falado VI**. Campinas, SP: FAPESP/Unicamp, 1996. p. 131-147.

KEIZER, Evelien. **A Functional Discourse Grammar for English: A Textbook**. Oxford: Oxford Textbooks in Linguistics, 2015.

MACIEL, Maximino de Araújo. **Gramática descritiva**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.

MATTHEWS, Peter H. **Syntax**. New York: Cambridge University Press, 1981.

MEYER, Charles F. **Apposition in Contemporary English**. New York: Cambridge University Press, 1992.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construction des objets de discours et catégorization: une approche des processus de référénciation. **TRANEL (Travaux neuchâtelois de linguistique)**, n. 23, p. 273-302, 1995. Disponível em: https://www.unine.ch/files/live/sites/tranel/files/Tranel/23/Mondada%20et%20Dubois_273-302.pdf. Último acesso em: 8/02/2023.

NOGUEIRA, Márcia Teixeira. **A aposição em língua portuguesa**. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1996.

NOGUEIRA, Márcia Teixeira. **A aposição não restritiva em textos do português contemporâneo escrito no Brasil**. 1999. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1999.

NOGUEIRA, Márcia Teixeira. Propriedades textual-discursivas da aposição não restritiva. *In*: SOUZA, Edson R. (org.). **Funcionalismo linguístico: análise e descrição**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 147-169.

QUIRK, Randolph *et al.* **A Comprehensive Grammar of the English Language**. London/New York: Longman, 1985.

SOUSA, Rosângela do Socorro Nogueira de. **A posição encapsuladora em artigos de opinião no português**. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/22467>. Acesso em: 8 fev. 2023.

SOUSA, ROSÂNGELA DO SOCORRO
NOGUEIRA; NOGUEIRA, MÁRCIA
TEIXEIRA. FUNÇÕES TEXTUAL-DISCURSIVAS
DA APOSIÇÃO ENCAPSULADORA.
ENTREPALAVRAS, FORTALEZA, V. 13, N. 1,
E2611, P. 123-141, JAN.-ABR./2023. DOI:
10.2216S/2237-632112611